

Riscos e Oportunidades: A Nova Economia Global e a ALCA*

Mario Garnero**

Foi uma grande honra para o Fórum das Américas realizar em São Paulo no mês de outubro último a esta Conferência “*Riscos e Oportunidades: A Nova Economia Global e a ALCA.*” A iniciativa contou com grande apoio institucional, particularmente do Grupo Estado e suas organizações, da Revista IstoÉ e da Gazeta Mercantil, e de tantas instituições empresariais e acadêmicas.

Em tempos de incertezas e expectativas, nosso objetivo foi refletir sobre os rumos da economia mundial e examinar as oportunidades e obstáculos que se apresentam com a Área de Livre Comércio das Américas. Fizemos isto da perspectiva do empresariado e demais setores da sociedade civil de Brasil e Estados Unidos.

O Fórum das Américas nasceu há 35 anos. Foi inspirado pela liderança de Juscelino Kubistchek com a Operação Pan-Americana. Foi delineado, com a contribuição de Robert Kennedy, para aprimorar o diálogo em nosso continente. Àquela época, eu começava uma vida empresarial. E desses grandes líderes, Kubistchek e Kennedy, pude partilhar da visão de que os países, ao início do terceiro milênio, se agrupariam em grandes blocos econômicos. Por isso, na Conferência de outubro, deparamo-nos com um sentido de realização e desafio. Contamos com uma verdadeira constelação do mundo dos negócios, da universidade e da mídia.

Tivemos um debate do mais alto nível. Avaliamos o impacto que a nova geopolítica e o processo negociador da ALCA exercerão sobre as economias do nosso Continente. A iniciativa privilegiou a participação a sociedade civil e o setor privado dos dois países. Brasil e Estados Unidos são os atores-chave para o estabelecimento de uma área de livre comércio efetiva e harmoniosa.

O contexto internacional de hoje reflete os efeitos do mais virulento ataque terrorista da História. São muitas as indagações. É grande a apreensão. Trata-se de um período de crise. Mas como lembra a cultura chinesa, crise é a conjugação de riscos e oportunidades. A incerteza não pode levar à paralisia. Não devemos perder o ímpeto da integração hemisférica. Brasil e Estados Unidos têm de prosseguir na liderança da configuração da ALCA. Minha percepção é de que, no Brasil, em lugar de tirar partido das muitas oportunidades que surgem no trato com a maior economia do mundo, às vezes nos dividimos em falsos antagonismos. Iniciativas como o Mercosul e a ALCA não podem ser vistas como opções excludentes. Mais do que um destino ou uma opção, estreitar relações de investimento e comércio com os Estados Unidos e avançar na agenda da Alca é, acima de tudo, uma oportunidade para o Brasil.

Muitos já chegaram a essa conclusão, e estão prontos a tirar proveito dessas possibilidades. Basta lembrar o recente estudo do Council on Foreign Relations de Nova York, que afirma: “o Brasil não é uma promessa para o futuro. É uma potência econômica do presente”. Pela ótica da paridade do poder de compra, o PIB brasileiro é de 1 trilhão de dólares. O dobro de Rússia ou Índia. Nesse quadro, o Brasil é a quinta economia do mundo.

E em meio a graves turbulências internacionais, nossos índices anuais de inflação foram de um dígito durante os últimos seis anos – o mesmo nível médio de estabilidade monetária dos países da OCDE. Há cinco vezes mais investimentos dos Estados Unidos no Brasil do que na China. No ano 2000, o item número um da pauta de exportações do Brasil foram os aviões, com vendas de 4 bilhões de dólares. O Brasil é o segundo maior mercado do mundo em telefones celulares, helicópteros e aparelhos de fax 50% dos internautas na América Latina são do Brasil - o dobro do México. São números que consolidam o Brasil como líder da “nova economia” na América Latina.

Se bem negociada, a ALCA será uma alavanca para a economia brasileira. Mas, nesse processo, a prosperidade dos países do Mercosul também é decisiva. Temos no Cone Sul o maior mercado latino-

americano, com um PIB combinado de mais de US\$ 1,5 trilhão, em termos de paridade aquisitiva, bem mais da metade do PIB da América Latina. Mas a verdade é que a ALCA vai bater à porta de todos.

Para nós, empresários brasileiros, é fundamental expandir a abrangência geográfica de nossa atuação. Trata-se de alimentar a ambição por novos mercados. Como já se disse, o empresariado brasileiro, a sociedade brasileira, não pode enfrentar este competitivo cenário comercial com timidez e passividade. Globalização não rima com umbigo grudado no balcão. Temos de estabelecer contato direto com os principais atores da economia dos Estados Unidos, tanto na indústria quanto nas finanças, e alguns deles estão aqui hoje. Realizar estudos de direito comparado, arbitragem, propriedade intelectual. Há muito a fazer.

Isso não quer dizer que o Brasil deva esquecer o Mercosul. Tivemos com ele uma fórmula útil para incrementar o comércio entre os países do Cone Sul, praticamente inexistente no início dos anos 90. No entanto, as cifras e as possibilidades de expansão são modestas para uma economia como a brasileira. O peso do Brasil vale muito mais na mesa de negociação do que a retórica pol ítica que sustenta a prioridade do Mercosul.

A ordem do dia para a promoção comercial brasileira, com ou sem a ALCA, tem de ser o acesso, amplo e desimpedido, ao gigantesco mercado interno dos Estados Unidos. Está muito claro que as barreiras, sejam tarifárias ou não, têm de ser diminuídas pelos Estados Unidos. Simultaneamente, o Brasil tem de melhorar sua capacidade interna, fazer um esforço maior. É fundamental que a comunidade empresarial brasileira construa estruturas mais robustas para promover suas exportações e atrair investimentos dos Estados Unidos. E isto com ou sem a ajuda do governo. Mas o caminho melhor é o da parceria, da promoção de ferramentas inovadoras de diplomacia econômica.

No ano de 2000, ocorreu o auge da prosperidade americana, após dez anos de contínua expansão econômica. Neste marco, mesmo após a brusca desvalorização do real em 1999, o Brasil foi o único país dentre as dez maiores economias do mundo a contabilizar déficit comercial com os Estados Unidos. Algo não está certo. Não podemos permitir que as dificuldades nas exportações brasileiras de dois produtos de baixo valor agregado, como o aço e o suco de laranja, dominem o panorama de nosso comércio. E para isso precisamos também da participação dos Paramentos, casas de negociação por excelência. Afinal de contas, é a partir da crescente participação da sociedade civil que vamos aumentar o papel que as tecnologias da informação, os agronegócios, a pesquisa e desenvolvimento, o turismo e o entretenimento ocupam em nossa agenda co mum.

A partir do Fórum das Américas, vamos inaugurar um processo renovado de intercâmbio e aproximação. Ao final da Conferência " Riscos e Oportunidades", redigimos uma "Carta de S. Paulo", com observações e recomendações aos Presidentes Fernando Henrique e George W. Bush. Em breve, teremos a íntegra de toda esta nossa reflexão. Construiremos assim um rico acervo de formulações e respostas a este complexo quadro geopolítico e econômico que afeta nossas empresas, nossos negócios, nossas vidas.

Agora é seguir adiante. Estamos também reforçando o Departamento de Integração do Fórum, que, em parceria com universitários e entidades de ensino superior, está lançando a iniciativa de organizar um "Repertório de Posições Brasileiras" para a negociação nos vários grupos de trabalho e comitês temáticos do processo que poderá conduzir à ALCA. Igualmente, estamos conformando o "Conselho Consultivo Internacional" do Fórum, que deverá reunir -se virtual e presencialmente para aprimorar os entendimentos do empresariado e da sociedade civil sobre os desdobramentos da integração hemisférica.

Com estas iniciativas, o Fórum busca incrementar o conhecimento dos muitos temas da agenda internacional do Brasil e sua importância para nossa economia e sociedade.

* Este artigo foi originalmente publicado na revista Carta Internacional, em sua edição de novembro de 2001.

** Mario Garnero é presidente do Fórum das Américas e do Grupo Brasilinvest.